

XXIX Encontro Anual da ANPOCS

“A PESSOA NOS TRANSTORNOS ALIMENTARES: ELEMENTOS DE UMA ECONOMIA SIMBÓLICA”

Daniela Ferreira Araújo Silva

Doutorado em Antropologia Social – IFCH – Unicamp

De 25 a 29 de outubro de 2005

Grupo de Trabalho 03 – Corpo, biotecnologia e saúde

Sessão 1: Representações do corpo e construção de identidades

A pessoa nos transtornos alimentares: elementos de uma economia simbólica¹

Por Daniela Ferreira Araújo Silva²

A partir da década de 1970, um grupo de “doenças” passou a atrair a atenção de profissionais de saúde, da mídia e da imaginação popular: os transtornos alimentares, sobretudo suas variantes mais célebres, a anorexia e a bulimia. A preocupação com os transtornos alimentares parece ter crescido em proporção direta com sua prevalência, chegando-se a considerar que haja uma atual epidemia (Cordás *et alli*, 1998, p.ix).

As características centrais dos transtornos alimentares podem ser descritas como um “pavor intrusivo de engordar” e a “percepção de se estar muito gordo/a”, que na anorexia conduzem a “um baixo limiar de peso auto-imposto”, obtido através da “evitação de comidas ‘que engordam’”, e na bulimia, à combinação de “uma preocupação consistente com o comer e um forte desejo ou sentimento de compulsão a comer” com práticas neutralizadoras dos efeitos de engordar (vômitos e purgação auto-induzidos, períodos alternados de inanição e uso de fármacos).³

O perfil das pessoas acometidas por transtornos alimentares, tal como descrito tanto na literatura especializada da área de saúde quanto na mídia voltada para o público em geral, é o de mulheres brancas, adolescentes ou jovens, de classe média ou alta, ocidentais (Pinzon e Nogueira, 2004). Embora estudos recentes apontem para uma diversidade étnica, de classe e de gênero muito maior do que anteriormente se acreditava⁴, os transtornos alimentares permanecem fortemente impregnados por estes marcadores sociais.

O modelo de causalidade atualmente aceito para os transtornos alimentares é o multifatorial ou multidimensional, em que fatores biológicos, psicológicos e socioculturais combinados, em intensidades variáveis, contribuiriam para o desenvolvimento dos transtornos (Cordás *et alli*, 1998). Os “fatores socioculturais”,

¹ Este *paper* foi escrito para o XXIX Encontro Anual da ANPOCS, de outubro de 2005, baseando-se em algumas questões desenvolvidas em minha Dissertação de Mestrado (SILVA, 2004)

² Mestre em Antropologia Social pela UNICAMP, e doutoranda em Antropologia Social pela mesma universidade.

³ Cf. CID –10 – Critérios Diagnósticos para pesquisa / Organização Mundial de Saúde; Tradução de Maria Lúcia Domingues; Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, pp. 128-129.

⁴ Ver, por exemplo, THOMPSON, Becky. W. A Hunger So Wide and So Deep: American Women Speak Out on Eating Problems, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

geralmente entendidos como pressão social para a adesão a um ideal de magreza, embora jamais sejam considerados como preponderantes, têm cada vez mais sido empregados para explicar a atual epidemia de transtornos alimentares, frequentemente associada à adoção de um estilo de vida e valores ocidentais (Pinzon e Nogueira, 2004).

É com o intuito de aprofundar e refinar a compreensão da relação entre transtornos alimentares e seu contexto sócio cultural que o presente trabalho procura refletir, a partir de dados de uma pesquisa etnográfica desenvolvida entre os anos de 2001 e 2004⁵, sobre os elementos de uma economia simbólica atuante na conformação da noção de pessoa que perpassa estes transtornos.

Noção de pessoa e *embodiment*

No mesmo período em que crescem a incidência e o interesse sobre os transtornos alimentares, o corpo ressurgue como objeto privilegiado de interesse na cena antropológica e nos estudos culturais interdisciplinares (Csordas, 1994), levando à proliferação de trabalhos sobre o tema, seguidos de um número equivalente de abordagens teóricas. Embora a heterogeneidade de tais estudos não permita que os classifiquemos sob a rubrica de uma “escola”, vários autores⁶ identificam alguns fatores que fomentaram essa nova preocupação com a questão do corpo: a influência dos estudos feministas e de gênero na academia, os estudos de Michel Foucault sobre a produção de corpos dóceis e um conjunto de críticas epistemológicas,⁷ bem como na abordagem da teoria da prática de Bourdieu.

Uma das vertentes fundamentais destes recentes estudos sobre o corpo é aquela caracterizada pela preocupação com o *embodiment*. Segundo Csordas (1994), os traços

⁵ Esta pesquisa foi desenvolvida durante meu Mestrado em Antropologia Social na UNICAMP, sob a orientação da Profa. Dra. Heloísa Pontes, e com o apoio da Capes. Seguindo a metodologia de etnografia virtual, a etnografia foi conduzida junto a grupos, *sites* e diários *online* brasileiros sobre transtornos alimentares, resultando em minha dissertação de mestrado. Ver SILVA, Daniela Ferreira Araújo. Do outro lado do espelho: anorexia e bulimia para além da imagem – uma etnografia virtual. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Heloísa Pontes. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2004.

⁶ Para um panorama desse contexto ver, por exemplo, CSORDAS, Thomas J. “Introduction: the body as representation and being in the world” in *Embodiment and Experience: The existential ground of culture and self*, New York: Cambridge University Press, 1994, pp. 1-24, FEATHERSTONE, Mike & TURNER, Bryan S., “Body and Society: An Introduction” in *Body and Society*, London/ Thousand Oaks/ New Delhi: SAGE Publications, v. 1, n. 1, March 1995, pp.1-12, TURNER, Bryan S. “Preface” in Falk, Pasi: *The Consuming Body*, London/ Thousand Oaks/ New Delhi: SAGE Publications, 1994, pp. vii – xvii, e MARTIN, Emily: “The end of the body?”, in *American Ethnologist – The Journal of American Ethnological Society*, vol. 19, n.º 1, February, 1992. pp.121-140.

⁷ Cf. TURNER, Bryan S., Op. Cit.

distintivos da preocupação com o *embodiment* em relação às outras abordagens antropológicas do corpo seriam uma problematização epistemológica e metodológica de um conjunto de dualidades conceituais inter-relacionadas (como pré-objetividade/objetificação, mente/corpo, natureza/cultura, indivíduo/sociedade, cultura/razão prática, linguagem/experiência, representação/“estar-no-mundo”), a procura por recuperar e conferir uma posição paradigmática ao corpo e à corporalidade, e a ênfase na importância de toda experiência humana se caracterizar por um “estar-no-mundo” particular, localizado e corporificado.

Outro elemento de destaque dos estudos contemporâneos sobre o *embodiment* é a investigação do caráter central que o corpo adquire nas sociedades contemporâneas de consumo. Tal caráter suscitou, ao lado dos desenvolvimentos teóricos mencionados anteriormente, reflexões sobre a fragmentação do corpo e a proliferação de imagens corporais, sobre o impacto do desenvolvimento de novas tecnologias reprodutivas e na área de saúde, e dos embates éticos e políticos envolvidos em questões como clonagem, transplantes e implantes, e sobre as novas tecnologias de comunicação, para citar alguns exemplos.

A abordagem dos estudos de *embodiment*, tal como incorporada na reflexão que procuro aqui desenvolver, pode ser combinada com a proposta teórica dos estudos antropológicos sobre a *noção de pessoa*.

Presente na reflexão antropológica desde os primórdios da disciplina, a noção de pessoa teve várias reformulações, com diferenças teóricas importantes⁸. A definição de pessoa a que me refiro é a habitualmente empregada nos estudos de etnologia, com o objetivo de evitar a transposição etnocêntrica de pré-concepções dadas pela noção moderna de indivíduo para contextos referentes a sociedades indígenas.⁹ Adotando essa perspectiva, um grande número de trabalhos na área de etnologia indígena no Brasil dedicou-se ao estudo das diversas formulações da noção de pessoa entre grupos indígenas, tomando como foco questões como as concepções da composição do corpo, restrições alimentares e resguardos, crenças e práticas relacionadas ao nascimento, puberdade e morte, doenças e os procedimentos para sua cura, técnicas corporais, etc.

⁸ Cf. SEEGER *et alli*. “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”, in Oliveira Filho, J. P. (org), Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil, Rio de Janeiro: UFRJ/ Editora Marco Zero, 1986.

⁹ Cf. SEEGER *et alli*, Op. Cit.

O antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte emprega esta mesma definição de pessoa como ferramenta conceitual chave em seu estudo a respeito do *nervoso* no contexto de classes operárias urbanas brasileiras¹⁰. O trabalho de Dias Duarte aponta para o valor heurístico da noção de pessoa no estudo antropológico para além das sociedades indígenas, principalmente na compreensão das bases culturais das perturbações físico-morais¹¹.

Acompanhando Dias Duarte, creio que a noção de pessoa é um conceito particularmente útil na compreensão da relação entre transtornos alimentares e *embodiment*, não apenas pelo fato de os primeiros se adequarem à definição de perturbação físico-moral, mas, sobretudo, para evitar transpor, para o plano analítico, noções êmicas ocidentais, como aquelas que opõem corpo e consciência. Ao adotar a noção de pessoa para compreender nossas próprias categorias culturais de pensamento, evitamos reificá-las, transformando-as em camisas-de-força analíticas, podendo relativizá-las e compreendê-las como elementos simbólicos constitutivos de uma dinâmica cultural.

Do prato ao corpo: substâncias em fluxo e suas propriedades

O tema da alimentação é um dos aspectos centrais comumente abordados nos estudos antropológicos sobre pessoa. O presente item procura descrever de que forma a relação entre os tipos de alimentos, os efeitos da sua ingestão e o papel que se lhes atribui na constituição dos corpos aparecem no material etnográfico sobre os transtornos alimentares.

Antes de tratar da relação entre a alimentação e corporalidade característica da situação etnográfica analisada, creio ser importante frisar que os “termos técnicos”, cunhados por disciplinas de saúde, são re-apropriados e re-significados ao se incorporarem no discurso dos sujeitos pesquisados. Assim, categorias de classificação de grupos de alimentos, como “carboidratos”, “proteínas”, “gorduras”, “vitaminas”, ou de elementos constitutivos do corpo humano, como “gordura”, “massa magra”,

¹⁰ DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*, 2ª. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

¹¹ No artigo “A Outra Saúde: Mental, Psicossocial, Físico Moral?” (1998), Dias Duarte propõe a retomada da locução “físico-moral” às “perturbações” como estratégia para relativizar as representações modernas de “doença mental” e “distúrbio psicossocial”, em lugar de empregá-las, endossando-as *a priori*.

“músculos” e “ossos”, são empregados neste texto como termos êmicos, de acordo com o uso que os sujeitos pesquisados lhes conferem.

O elemento central da relação entre alimentação e corpo na noção de pessoa aqui estudada é o pressuposto de que os alimentos fornecem as substâncias necessárias para a composição e o funcionamento do corpo. A conduta alimentar do grupo analisado se organiza através de uma economia de fluxos de substâncias cujo objetivo principal é “emagrecer”, ou seja, evitar o acúmulo de gordura no corpo.

A gordura é aqui uma categoria central, substância componente tanto dos alimentos quanto do corpo humano. A relação entre os tipos de alimento e os aspectos da composição do corpo é perpassada por uma economia moral desses fluxos, ancorada nos significados atribuídos aos tipos de alimento e às partes que compõem o corpo. Uma dimensão importante dessa economia, como veremos, é sua inserção em uma configuração de gênero específica, que procurarei esboçar.

A gordura

Substância central nos discursos sobre os transtornos alimentares – já descritos, inclusive, como “um medo fóbico de gordura”¹² – a gordura é dotada de uma série de atributos funcionais, físicos e morais.

Enquanto componente de alimentos, a gordura é simultaneamente associada à idéia de prazer e de perigo – sendo que o segundo aspecto tem sido cada vez mais ressaltado.

Os alimentos mais gordurosos, geralmente consumidos em contextos de lazer, costumam ser considerados os mais gostosos. De maneira geral, a gordura presente nos alimentos é considerada a fonte de sua ‘suculência’.

Por outro lado, a gordura é uma substância duplamente perigosa. Em primeiro lugar, o perigo provém exatamente do prazer que sua ingestão proporciona: estimula o apetite, induz à gula, ao excesso e à licenciosidade. Assim, a gordura é moralmente perigosa.

Em segundo lugar, a gordura é perigosa à saúde. Dotada da capacidade de se acumular em algumas regiões do corpo, a gordura é um poluente por excelência.

¹² Cf. CASKEY, Noelle. “Interpreting Anorexia Nervosa” in The Female Body in Western Culture: contemporary perspectives, edited by SULEIMAN, Susan Rubin, Cambridge/London: Harvard University Press, 1985.

Consumida em excesso, ela entope vasos sanguíneos e poros da pele, provocando problemas cardíacos e espinhas. O acúmulo de gordura no corpo – a obesidade – é mundialmente alardeado como o principal causador das mais diversas doenças, e como candidato preferencial à principal causa de óbito entre cidadãos norte-americanos nas próximas décadas. O excesso de gordura acumulada no corpo é tão perigoso que pode matar.

Os riscos da gordura à saúde não estão isentos de uma carga moral: os riscos morais e patológicos encontram-se frequentemente associados, e muitas vezes reforçam um ao outro.

A relação entre excesso alimentar e gordura, com origem nos saberes médicos, é um ótimo exemplo do entrelaçamento entre as esferas da moralidade e da saúde: a pessoa engorda porque “come mais do que o corpo gasta”, e essas quantidades são medidas em calorias. Para emagrecer, portanto, há duas opções: ingerir menos calorias, restringindo a alimentação, ou gastar mais calorias, através de exercícios físicos. Esta explicação sobre o mecanismo de engordar/emagrecer se sobrepõe a um conjunto de significados morais presentes em nossa cultura, adicionando uma justificativa “científica” à associação da figura do gordo à gula, à indulgência e à preguiça, e a do magro, à disciplina e ao autocontrole.

A idéia de que o acúmulo da gordura do corpo é resultado do excesso alimentar e do sedentarismo também reforça a associação da gordura à noção de poluição moral. A gordura seria a forma materializada da falha moral – da licenciosidade, da gula e da preguiça. Tal idéia está presente, por exemplo, no trecho abaixo, retirado de uma mensagem a um grupo de discussão estudado:

“Tenho muito medo de não ser capaz... de voltar a comer como antes, se eu engordar de novo acho que me mato... afinal pra mim foi o fundo do poço, a maior sensação de impotência perante mim mesma, de desequilíbrio, de autoflagelação... de sujeira... Quando como me sinto suja...”

A oposição dos atributos negativos da gula, da preguiça e da licenciosidade às virtudes do comedimento, da disciplina e do autocontrole, se alinha à oposição clássica entre corpo e mente tão comentada como característica do pensamento ocidental. As grandes virtudes do homem estão relacionadas à mente e sua capacidade racional, enquanto o corpo está ligado ao pólo negativo e associado aos aspectos animais e instintivos. Ceder aos desejos do corpo é tornar-se menos humano e aproximar-se do

animal. A associação entre a gula e a voracidade à imagem de animais – particularmente animais gordos – é recorrente no discurso dos sujeitos pesquisados, como demonstrado nas citações abaixo, retiradas de alguns *blogs* pesquisados:

“E continuo comendo com uma vaca.”

“Afina! , a magreza não vai chegar até mim se eu ficar numa cama assistindo tv e comendo feito uma porca, né??”

“Comi muuuuito e não *miei*¹³, pra me destruir mesmo, ficar logo uma porca nojenta...”

“Tô precisando me exercitar, me sentir mais leve, mais magra, não consigo ficar parada, me sentindo inchada, e vulnerável a virar uma gorda, porca a qualquer hora...”

“Eu estou mais feia do que nunca, mais gorda do que nunca, pois agora eu voltei a comer numa forma como um rinoceronte come... ou quem sabe um búfalo, uma porca.”

Outro aspecto relevante é que, dentre os animais associados à gula, os mais citados são a porca e a vaca. Enquanto a porca faz referência direta à sujeira e à gula, a vaca simboliza a licenciosidade alimentar e sexual. Ambas também carregam uma forte marca de gênero, e também servem como símbolos negativos de feminilidade.

A ligação entre gordura e feminilidade, entretanto, ultrapassa suas representações zoomórficas: haveria uma ligação direta, biológica, entre a gordura e o sexo feminino.

De acordo com o entendimento das disciplinas de saúde, a gordura está biologicamente ligada ao desenvolvimento sexual das mulheres, e os argumentos nesse sentido são muitos.

Um dos primeiros argumentos que me forneceram durante a pesquisa foi o de que, em primeiro lugar, a taxa de gordura corporal média nos seres humanos em geral seria naturalmente mais elevada entre as mulheres do que entre os homens. Em segundo lugar, o acúmulo de gordura em determinadas partes do corpo estaria diretamente envolvido na maturação sexual feminina, ao desenvolvimento das características sexuais secundárias e aos ciclos hormonais. Para que ocorra a primeira menstruação, é necessário que a menina atinja um peso e uma taxa de gordura corporal determinados.

¹³ “Miar”, no jargão dos grupos de transtorno alimentar na internet pesquisados, significa “vomitar”. A palavra é uma referência à bulimia, apelidada de “mia” no mesmo jargão, que tem como característica mais célebre a indução de vômitos para compensar a ingestão de alimento.

Assim, a amenorréia, que é um sintoma considerado importante no diagnóstico da anorexia, é tomada como evidência de uma remissão do processo de maturação sexual.

Noelle Caskey, em seu artigo “Interpreting anorexia nervosa”, procura explicar a equação entre mulheres e gordura, munindo-se de argumentos de cunho biológico e sócio-cultural.

Seus argumentos biológicos concebem uma ligação natural, de origem fisiológica, entre gordura e o corpo feminino, em que os hormônios sexuais teriam um papel central. Além disso, a gordura também é relacionada à capacidade reprodutiva das mulheres. Caskey menciona, como exemplo, a existência de um aumento generalizado e inexplicável de peso durante a gravidez, tomando como evidência uma pesquisa entre coletores de chá indígenas em que o ganho de peso em mulheres grávidas era verificado, sem mudança na dieta ou no padrão de atividade física.

Essa ligação entre hormônios femininos e uma suposta natureza da mulher também está presente nos discursos médicos sobre a tensão pré-menstrual e a menopausa, que tendem a enfatizar, entretanto, a influência hormonal sobre o comportamento feminino, caracterizando tais períodos pela inconstância e uma propensão a explosões emocionais. E, sendo biológica e natural, a ligação entre mulheres e gordura é considerada inevitável, imune a quaisquer esforços dos sujeitos em alterá-la:

“However, this association between female sexuality and fat in certain areas of the body is not limited to early puberty and the onset of menstruation. The intimate interplay between fat cells and female hormones continues throughout a woman’s life, and, for the most part, lies beyond the bounds of her control.”¹⁴

Em outras palavras, as mulheres teriam de seu destino prescrito, ao menos parte, e inscrito em seus corpos pela natureza, destino este que parece estar intimamente ligado à sua função reprodutiva.

A gordura ainda possui uma associação moral com a sexualidade feminina e a feminilidade. A tradição judaico-cristã, com a história do pecado original, associa diretamente a mulher à tentação. O apetite de Eva ao provar o fruto proibido está

¹⁴ “Entretanto, essa associação entre a sexualidade feminina e a gordura em certas áreas do corpo não se limita ao início da puberdade e ao começo da menstruação. A íntima interação entre células de gordura e hormônios femininos continua ao longo da vida da mulher, e em sua maior parte, está além das fronteiras de seu próprio controle.” Tradução minha. CASKEY, Noelle. Op. Cit., p.176.

diretamente ligado ao apetite sexual. A mulher não apenas estaria ontologicamente inclinada a ceder aos próprios apetites, mas a estimular os apetites dos homens. A gordura de seu corpo, sob a forma volumosa de seus seios e quadris, já é por si só uma forma de tentação. Se, em sua ligação com o prazer de comer e com o mecanismo do ganho de peso, a gordura já está associada à licenciosidade, a gordura feminina é triplamente licenciosa, e ainda carrega a propriedade mágica de estimular a luxúria masculina.

Essa associação entre a opulência do corpo feminino e a tentação sexual não deve ser menosprezada. No Brasil, as expressões “gostosa”, “boazuda” e “popozuda” ilustram como as curvas do corpo feminino são explicitamente associadas à provocação sexual, e é freqüente que as mulheres “boazudas” sejam consideradas fáceis, independentemente de sua conduta. Nos transtornos alimentares, a rejeição à gordura pode expressar o repúdio à objetificação sexual das curvas femininas. Em várias situações etnográficas, observei a rejeição do padrão de beleza feminina mais volumoso das “gostasas” – freqüentemente classificadas como “gordas” – em nome da adoção de um padrão menos cheio de curvas e mais “elegante”. O trecho seguinte, retirado de uma mensagem a um grupo de discussão, ilustra bem essa questão:

“ (...)dizem que sou um filezão, mas isso me ofende, é o mesmo que gorda, ou gorda bonitinha, gosto de um corpo mais classudo, talvez por insegurança, quero respeito, já que não consigo me colocar na voz, tento no corpo (...)”

A imagem do “filezão” associada ao corpo feminino mais cheio de curvas sintetiza de uma só vez o caráter “carnal” atribuído a esse tipo de silhueta, como também sua conotação sexual objetificada: um “filezão” não é apenas um bom pedaço da carne no sentido da abundância, mas também como atrativo ao apetite – no caso, apetite sexual. O desejo de possuir uma silhueta mais magra se expressa na intenção de transmitir uma imagem mais “classuda”, menos carnal e menos objetificável, e mais merecedora de “respeito”. A citação também remete ao fato de que, independentemente da conduta – ela não consegue impor respeito através da voz – o simples fato de possuir uma silhueta de curvas mais generosas já faz com que a mulher seja considerada “desfrutável”.

Carboidratos e açúcar

A idéia de que açúcar e alimentos doces engordam é bastante disseminada em nossa cultura. Normalmente, ao iniciar uma dieta de emagrecimento, o açúcar e os doces são os primeiros alimentos a serem proibidos, sendo eventualmente substituídos por adoçantes artificiais. Mais recentemente, as propriedades “engordativas” do açúcar foram ampliadas para o grupo mais amplo dos carboidratos, categoria de alimento que inclui o açúcar e os doces, mas também massas, raízes e grãos. Os carboidratos seriam a principal fonte de energia do corpo e, de acordo com o mecanismo de engordar descrito no item anterior, se ingeridos em excesso, seriam transformados pelo corpo em gordura.

Os alimentos doces estão diretamente associados à idéia de prazer. Os doces normalmente são ingeridos como sobremesa, ou em ocasiões especiais, como festas de aniversário, casamento, Natal, Páscoa. Os doces são um tipo de alimento supérfluo, mais ligados à idéia de prazer do que à de alimentação propriamente dita. Isso fica claro em frases como “sobremesa não é comida”, ou “ele não come comida, só come doce”, amplamente empregadas pelos pais na educação dos hábitos alimentares das crianças. Os doces, prazerosos e supérfluos, também são oferecidos às crianças como recompensa.

Essa associação do doce com o prazer e o supérfluo é congruente com a economia moral que associa a gordura à licenciosidade e à gula, fazendo desse tipo de alimento um candidato simbolicamente preferencial à associação com a gordura.

Já os outros tipos de carboidratos têm uma associação diversa com a economia moral da gordura. Os carboidratos são considerados como a principal fonte de energia do corpo, uma espécie de combustível. A idéia de “sustança”¹⁵, associada a alimentos como o arroz, o feijão, às massas e farinhas traduz bem essa idéia. Trabalhadores braçais e atletas, que gastam muita energia com o corpo, precisam de mais carboidrato para “alimentar” os músculos. A expressão popular “prato de pedreiro”, que significa um prato bem cheio, normalmente com bastante arroz e feijão, ilustra a relação entre a ingestão de carboidratos e o exercício da força física, também presente na expressão “massa muscular”.

¹⁵ A literatura antropológica sobre alimentação e noção de pessoa no Brasil inclui várias reflexões a respeito da noção de “sustança” e sua associação com os alimentos ricos em carboidratos. Ver, por exemplo, CÂNDIDO, Antônio. Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, São Paulo; Duas Cidades; Ed. 34, 2001, 9ª. edição.

Dessa forma, o carboidrato está associado a uma ética da disciplina e do trabalho corporal: o carboidrato se transforma em acúmulo de gordura no corpo quando não é usado como combustível.

As Proteínas

Enquanto os carboidratos são considerados o combustível dos músculos, as proteínas são consideradas sua matéria prima. Elas são as responsáveis pela firmeza do corpo, não só por serem o componente principal dos músculos, mas por estarem associadas à firmeza da pele e à força das unhas e dos cabelos.

Dentre os alimentos considerados como proteína, entretanto, percebemos que há uma classificação que distingue os alimentos em que a proteína se encontra mais pura, e aqueles em que ela vem associada a outras substâncias. Essa distinção parece se organizar através da lógica da oposição entre “carne vermelha” e “carne branca”, mas que é ampliada para outras fontes de proteína, como laticínios e fontes de proteína vegetal. A pureza dos alimentos protéicos é inversamente proporcional a idéia de “carnalidade” a eles associada, e nesse caso, a cor do alimento parece exercer um papel fundamental nesse sistema classificatório.

A proteína mais impura seria a “carne vermelha”. Uma das razões atribuídas à impureza da carne vermelha é a noção de que elas são carnes mais gordurosas. A essa razão somam-se outros argumentos de ordem mais moral: os animais de carne vermelha, como a vaca, o cordeiro e o porco, são considerados mais próximos da espécie humana do que os animais de carne branca, como a galinha e o peixe. A metáfora do canibalismo identificada por Sahlins, em seu célebre “A preferência de comida e o tabu nos animais domésticos americanos”¹⁶, também parece operar nesse caso: a idéia de “violência” e “sofrimento” dos animais abatidos é um dos principais argumentos dos sujeitos pesquisados para evitar o consumo da carne. Muitos argumentam que animais como a vaca e o carneiro “percebem” que vão morrer e chegam a chorar quando estão prestes a serem abatidos. Os guinchos dos porcos a serem abatidos são descritos como gritos terríveis, semelhantes ao choro de crianças. Há ainda a explicação que procura relacionar a idéia da violência do abate à presença de

¹⁶ SAHLINS, Marshall. “A preferência de comida e o tabu nos animais domésticos americanos” *in* *Cultura e Razão Prática*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 170-178.

substâncias nocivas que seriam liberadas pelos animais ao perceberem que estão prestes a morrer. Esse tipo de argumento, entretanto, raramente é empregado para se referir às aves, e menos ainda aos peixes. A proteína vegetal é a considerada mais segura, já que a capacidade de “sentimento” atribuída aos vegetais é praticamente nula.

A metáfora do canibalismo também está presente na cor dos alimentos considerados fonte de proteína. As carnes vermelhas são as mais perigosas, enquanto as carnes brancas são mais seguras. A gelatina, embora seja de origem animal, também é considerada proteína pura, e sua transparência é evocada como evidência de sua pureza. A clara de ovo também é classificada de acordo com a mesma lógica. Dentre as proteínas de origem vegetal, a mais valorizada é a de soja, que também é branca – outros grãos, como o feijão e a lentilha, embora também possuam bastante proteína, costumam ser classificados como carboidratos, e não como proteína.

Os músculos

Os músculos se situam entre os dois pólos da hierarquia entre a gordura e os ossos. Eles ainda se localizam no âmbito da carne – têm volume, são pesados, têm materialidade. A expressão “massa muscular”, empregada pelos sujeitos pesquisados, traduz bem essa associação com a materialidade e a idéia de carne, por estar freqüentemente associada à idéia de peso. Um dos receios freqüentemente manifestados pelos sujeitos pesquisados é o de ganhar peso em função do aumento da massa muscular adquirida através de exercícios físicos. Por isso, ao praticar exercícios, dão preferência a exercícios “aeróbicos”, com a função de “queimar gordura”, e tendem a evitar atividades como a “musculação”, praticada para “ganhar massa”.

A associação dos músculos à idéia de carne é reforçada pela ligação destes ao atributo da força. A força física, por sua vez, está conectada à noção de violência e agressividade – a força bruta se opõe à racionalidade e à mente, e se liga à instintividade e ao corpo.

Entretanto, embora sejam carne, os músculos são um tipo de carne hierarquicamente superior à gordura. Através de sua rigidez aproximam-se também do âmbito do espírito. A dureza dos músculos representa o cultivo da carne através da disciplina e do exercício. São um tipo de carne cultivada e elaborada pela vontade racional do espírito.

Os músculos também estão associados à masculinidade, não apenas pelo fato de a força física ser considerada um atributo masculino, mas também porque a própria idéia da disciplina neles implícita também é um atributo considerado masculino.

Em “Why Men Desire Muscles”¹⁷, o antropólogo Lóic Wacquant desenvolve uma reflexão sobre a relação entre músculos e masculinidade a partir de sua leitura de “Muscle: Confessions of an Unlikely Bodybuilder,” de Sam Fussell – um relato autobiográfico da incursão do autor no universo do fisiculturismo. Segundo Wacquant, o mérito do livro de Fussell está não apenas em fornecer uma “descrição densa” do embodiment característico do fisiculturismo, mas em ser, mesmo que involuntariamente, “um tratado penetrante da ‘ansiedade oculta’ que perpassa, não apenas sua vida pessoal, mas o núcleo da masculinidade convencional.”¹⁸ De acordo com Wacquant:

“Bodybuilding forms an unique prism through which examine this predicament because muscles are the distinctive symbol of masculinity, the specific armamentarium of an embattled manhood. Their willful acquisition and exhibition serve to establish or repair a damaged sense of oneself as a properly gendered being, i.e., a virile individual.”¹⁹

O projeto de Fussell de criar sua armadura impenetrável de músculos guarda curiosas semelhanças com a jornada das anoréticas e bulímicas com as quais tive contato. Em primeiro lugar, em ambas as situações a busca por criar um novo corpo passa a ocupar um lugar central na vida do indivíduo, e funciona como uma espécie de refúgio das outras dimensões da vida. O projeto de auto-reinvenção através da transformação corporal torna-se uma espécie de missão com um valor em si mesma: a disciplina e a perseguição incansável de um ideal. Nos dois casos, a busca pelo ideal é incessante e jamais encontra sua realização plena, e a transformação corporal perseguida com tanto afínco acaba minando completamente a saúde e colocando em risco a própria vida.

¹⁷WACQUANT, Lóic. “Review article: Why Men Desire Muscles” in *Body & Society*, London/ Thousand Oaks/ New Delhi: SAGE, pp. 163-179, v.1, n.1, 1995.

¹⁸ Idem, p.170.

¹⁹ “O fisiculturismo constitui um prisma único através do qual pode-se examinar este predicado (*da masculinidade*) porque os músculos são o símbolo distintivo da masculinidade, o armamento específico de uma masculinidade combativa. Sua aquisição voluntária e exibição servem para estabelecer ou reparar um abalado senso de si mesmo como um indivíduo adequado quanto ao gênero, i.e., um indivíduo viril.” Tradução minha. Ibidem, p.171.

Entre o mundo do fisiculturismo de Fussell e o das anoréticas e bulímicas, entretanto, há uma diferença crucial. No fisiculturismo há a busca da afirmação da masculinidade através da hipertrofia muscular, enquanto no caso dos transtornos alimentares a procura é pela diminuição e até a erradicação da gordura que, como vimos, está associada à feminilidade.

Freqüentemente se argumenta que o pavor da gordura característico dos transtornos alimentares reflete um medo da feminilidade ou da sexualidade feminina, ou mesmo a procura de um ideal masculino como mecanismo de auto-afirmação das mulheres que passam a competir cada vez mais no universo masculino do trabalho. Um dado muito citado para corroborar essa interpretação é a direta relação entre o aumento da incidência dos transtornos alimentares e a inserção das mulheres no mercado de trabalho.

Entretanto, a diferença entre o fisiculturismo e os transtornos alimentares apontada acima parece apontar para outra possibilidade de interpretação. A batalha das anoréticas e bulímicas contra a gordura parece estar mais relacionada à rejeição de um certo tipo de feminilidade do que a uma tentativa de masculinização.

Os Ossos

Os ossos surgem freqüentemente nos discursos dos sujeitos pesquisados em oposição à gordura. Das substâncias que compõem o corpo, os ossos são aqueles que mais se aproximam da idéia de espírito, de imaterialidade. Os ossos afloram à pele em função da ausência da gordura no corpo. A oposição entre ossos e gordura também é reforçada pela idéia da consistência – a gordura é mole, volumosa e viscosa, enquanto os ossos são duros e secos. Esses atributos de consistência, por sua vez, estão ligados àquela série de características morais mencionadas anteriormente: a moleza, o volume e a viscosidade estão relacionados à idéia de corpo, de matéria, de preguiça e de gula. Enquanto a dureza e a secura dos ossos estão ligadas às idéias de mente, de disciplina, de controle e de imaterialidade. Essa idéia é também reforçada pela associação dos ossos com a morte e com a transcendência advinda do desvencilhamento da carne. Toda uma nova gama de associações é então evocada, a partir da oposição clássica entre carne e espírito.

Finalmente, enquanto a gordura está associada à feminilidade e os músculos, à masculinidade, os ossos parecem estar além do gênero. Além do simples fato da diferença objetiva entre esqueletos de homens e mulheres ser bastante sutil, a preocupação médica com tais diferenças surgiu relativamente tarde na história dos estudos de anatomia: embora os anatomistas modernos tenham desenhado o esqueleto humano a partir de observação e dissecação desde o século XVI, foi apenas no século XVIII que surgiram os primeiros desenhos de esqueletos especificamente designados como femininos. Conforme observou Londa Schiebinger²⁰, nessas ilustrações os anatomistas focalizavam a atenção nas partes do corpo politicamente significativas, pois a preocupação com a representação do esqueleto feminino surgiu na Europa em um contexto em que se procurava definir a posição da mulher na sociedade européia. Assim, a sexualização do esqueleto humano ocorreu com o objetivo de ressaltar a função reprodutiva das mulheres e sua suposta inferioridade intelectual, retratando o esqueleto feminino com quadris desproporcionalmente largos e o crânio reduzido se comparado ao masculino.

Para além desse contexto específico, em que os saberes médicos procuravam inscrever a suposta diferença fundamental entre os sexos em todas as dimensões do corpo humano, pouca atenção é dada ao sexo dos ossos. O modelo do esqueleto humano, tal como retratado nos livros escolares sobre o corpo humano, não é retratado como masculino ou feminino, é genérico e sem gênero.

A fascinação de anoréticas e bulímicas com o afloramento dos ossos sob a pele que acompanha o processo de emagrecimento é análoga à fascinação do fisiculturista com o afloramento dos músculos. Essa é mais uma evidência de que a motivação dos transtornos alimentares está mais ligada a um desejo de transcendência e rejeição da feminilidade do que a uma “masculinização defensiva”.

Corpo, consciência, saúde, doença e auto controle: mediações

Uma característica marcante do universo virtual dos transtornos alimentares no Brasil, que foi objeto da etnografia que serve de base à análise é o embate entre duas

²⁰ SCHIEBINGER, Londa. “Skeletons in the Closet: The First Illustrations of the Female Esqueleto in Eighteenth-Century Anatomy” in Gallagher, Catherine & Laqueur, Thomas (eds.), The Making of The Modern Body: Sexuality and Society in the Nineteenth Century, Berkeley/ Los Angeles/ London: University of California Press, 1987, pp. 42-81.

posições opostas quanto à classificação destas perturbações como patologias: os pró-ana/mia, que consideram que os transtornos alimentares são um estilo de vida adotado consciente e voluntariamente, e aqueles que consideram que esses transtornos são doenças que devem ser tratadas.

Esse debate inclui desde a postura pró-ana/mia mais radical, que considera a anorexia e a bulimia como estilos de vida voluntária e conscientemente adotados, até a versão mais “patologizante”, que considera os comportamentos como sintomas de uma síndrome, caracterizada por uma percepção distorcida do corpo e da realidade, que impediria os sujeitos afetados de reconhecerem sua condição de doentes. Entre um extremo e outro, observamos várias posições que incluem diferentes concepções sobre o que seria patológico ou não na arena dos transtornos alimentares, e sobre a capacidade de percepção e controle dos sujeitos afetados sobre a condição em que se encontram.

Em “Doença Mental e Psicologia”²¹, Michel Foucault identifica um recurso discursivo na definição de doença mental que seria semelhante à compreensão atual dos transtornos alimentares. Esse discurso é característico do que ele denomina como uma etapa inicial da medicina mental, que teria como traço principal o emprego da mesma estrutura conceitual da patologia orgânica, com o mesmo método de distribuição de sintomas em grupos patológicos e de definição das grandes entidades mórbidas. Subjacente a este método, Foucault afirma, estão dois postulados que definem a natureza da doença:

“Postula-se, inicialmente, que a doença é uma essência, uma entidade específica indicada pelos sintomas que a manifestam, mas anterior a eles, e de um certo modo independente deles; descrever-se-á um fundo esquizofrênico oculto sob sintomas obsessivos; falar-se-á de delírios camuflados; supor-se-á a entidade de uma loucura maníaco-depressiva por detrás de uma crise maníaca ou de um episódio depressivo.”²²

É interessante observar como a definição de doença mental mencionada por Foucault coincide com a definição de “síndrome”: as síndromes são entidades

²¹ FOUCAULT, Michel. Doença Mental e Psicologia; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 4ª. edição, 1994.

²² Idem, p.12.

patológicas que, por terem múltiplas causas ou causalidade desconhecida, são identificadas por um conjunto de sintomas²³.

A própria causalidade dos transtornos alimentares é problemática, embora seja consenso “que *não existe causa única suficiente para explicar os casos de pessoas que se tornam anoréxicas ou bulímicas.*”²⁴ As hipóteses mais aceitas atualmente pela medicina acerca da causalidade dos transtornos alimentares baseiam-se em um modelo de múltiplas causas, que incluiriam fatores biológicos, psicológicos e sócio-culturais. Por fatores sócio-culturais entende-se a pressão de um padrão de beleza excessivamente magro:

“Esses fatos demonstram que a anorexia nervosa tem relações com a cultura e com fatores de valorização social, como a beleza. Tem sido discutido que a ‘epidemia’ dos transtornos alimentares nos últimos 20 anos teria acontecido também por causa dessas mudanças de padrões estéticos e de comportamento.”²⁵

O padrão de beleza, voltado especialmente para as mulheres, seria uma das causas – junto com “predisposições biológicas e psicológicas ainda não totalmente esclarecidas”²⁶ – de 90% das pessoas acometidas por transtornos alimentares serem mulheres, e sobretudo, adolescentes e jovens, com estilo de vida ocidental, de classe média e alta, que seriam mais vulneráveis a este padrão.

A revista *Pesquisa Fapesp*, publicação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, uma das mais renomadas instituições de fomento à pesquisa do Brasil, dedicou a reportagem de capa de sua edição de setembro de 2004 ao tema dos transtornos alimentares e sua relação com o padrão de beleza vigente. A revista, voltada para a divulgação de novas áreas de pesquisa científica financiadas pela Fundação, é uma boa fonte para mapear as tendências mais recentes em diversas áreas de pesquisa. A mencionada reportagem nos apresenta o seguinte panorama a respeito das tendências atuais em pesquisas sobre a relação entre padrão de beleza e transtornos alimentares:

“Em um estudo publicado em 2003 na *Eating Behaviour*, a equipe coordenada por Marleen Williams, da Brigham Young University, nos Estados

²³ De acordo com o verbete do Steadman’s Medical Dictionary, 24a. edição: “Syndrome: The aggregate of signs and symptoms associated with any morbid process, and constituting together the picture of the disease.”

²⁴ CORDÁS, Táki Athanassius *et alli*. *Anorexia e Bulimia; O que são? Como ajudar?*; Porto Alegre: ARTMED, 1998, p.35. Grifo do autor.

²⁵ *Ibidem*, p.41.

²⁶ *Ibidem*.

Unidos, entrevistou 28 mulheres na tentativa de compreender a influência dos meios de comunicação no desenvolvimento da anorexia e propôs o seguinte modelo: disparado por vulnerabilidades preexistentes, inicia-se um processo cíclico em que os distúrbios alimentares levam à busca do controle do peso.”²⁷

A idéia das “predisposições”, ou de “vulnerabilidades preexistentes”, subentende que, ao menos em parte, a vontade da pessoa é incapaz de interferir nos aspectos causadores dos transtornos alimentares. O que resta a ser explicado é o mecanismo através do qual “o padrão de beleza” – e isso se concordarmos com a premissa de que ele abarca a influência da “cultura e fatores de valorização social” na gênese dos transtornos alimentares – influencia o comportamento, e se o sujeito tem algum arbítrio a esse respeito. Uma das incursões²⁸ de profissionais da área de saúde na arena de explicações nesse sentido pode ser observada no trecho a seguir, extraído da reportagem anteriormente citada da revista *Pesquisa Fapesp*:

“A busca do corpo idealizado pela moda pode ter um sentido de proteção, pode ser uma forma de buscar amor e aceitação”, diz o psicólogo Niraldo de Oliveira Santos, da equipe do Hospital das Clínicas. ‘Acredita-se que o olhar do outro só vai nos apreciar se estivermos atendendo às especificações do momento’, comenta.”²⁹

Outro exemplo pode ser encontrado no trecho abaixo, extraído de uma reportagem sobre transtornos alimentares publicada na revista *Boa Forma*³⁰:

“De acordo com o psicólogo Marco Antonio de Tommaso, um estudo norte-americano comprovou que 90% dos 600 a 800 anúncios publicitários a que somos submetidos por dia são ilustrados por mulheres magras. ‘Quando a gordinha aparece está sempre fazendo papéis jocosos’, analisa. ‘De uma forma subliminar, o cérebro registra essa mensagem, o que leva a busca pela magreza para não ser rejeitada socialmente’, completa.”

²⁷ RIBEIRO, Marili e ZORZETO, Ricardo. “O Avesso de Narciso”, *Pesquisa Fapesp*, n.103, Setembro de 2004, p.39.

²⁸ A maior parte dos estudos a respeito dos fatores culturais relacionados aos transtornos alimentares foi produzida por autores de orientação feminista, sobretudo nos EUA (BORDO, 1990,1992,1994; CASKEY, 1986; CHERNIN, 1994a e 1994b; HESSE-BIBER, 1997; ORBACH, 1979,1986; THOMPSON, 1994; WOLF, 1992). Dentre os estudos de profissionais da área de saúde sobre fatores sócio-culturais, a maior parte dos estudos procura verificar a influência de tais fatores através do estabelecimento entre mudanças no padrão de beleza veiculado pela mídia e a incidência dos transtornos alimentares. Nessa linhagem de estudos, cabe destacar a pesquisa de BECKER *et alli* (2002) sobre a influência da televisão nos hábitos alimentares de adolescentes em Fiji.

²⁹ RIBEIRO, Marili e ZORZETO, Ricardo, Op. Cit., p.39.

³⁰ LUBLINSKI, Débora. “Tem perigo na rede: delete já os sites que defendem a anorexia”, *Boa Forma*, São Paulo: Editora Abril, março de 2003, pp.86.

Encarar a influência da cultura e dos fatores de valorização social como mensagens subliminares, registradas à revelia dos sujeitos, não deixa muito espaço para a ação voluntária consciente. Mas, se os transtornos alimentares enquanto doenças destituem os doentes de sua capacidade de agir conscientemente, como essa capacidade lhes será restituída?

Os grupos pró-ana/mia radicais oferecem outra possibilidade para a interpretação do papel da influência dos fatores de valorização social nos comportamentos característicos dos fenômenos dos transtornos alimentares: sua adoção deliberada e consciente por parte dos sujeitos, com o objetivo declarado de obter a valorização social. Ser pró-ana/mia seria, portanto, uma adesão consciente e livre a uma estratégia de conduta social, uma opção deliberada.

Entretanto, nem todos os grupos pró-ana/mia veiculam a idéia de uma completa autonomia dos sujeitos. A possibilidade de perder o controle e passar a ser controlado pela “ana” ou pela “mia” é uma idéia recorrente, presente na “Carta da Ana”³¹, como podemos observar nos seguintes trechos:

“Eu vou te fazer diminuir calorias consumidas e vou aumentar a carga de seus exercícios. Eu vou te forçar até o limite! Eu preciso fazer isso, pois você não pode me derrotar!”

“Eu vou encher sua cabeça com pensamentos sobre comida, peso e calorias. Pois agora, eu realmente estou dentro de você. Eu sou sua cabeça, seu coração e sua alma.”

Ao assumir o controle, a “ana” se aproxima daquela imagem da “entidade patológica” como descrita pelos saberes médicos. Embora nos discursos pró-ana/mia tal idéia tenha uma conotação relativamente positiva e esteja associada à idéia de “ser ana de verdade” – como podemos observar no trecho abaixo – a sutil distinção entre delegar o controle à “ana” e passar a ser “dominada por ela” é um motivo de tensão constantemente presente.

“eu tô longe de ser considerada uma "ana", percebo que Ela realmente a cada dia se aproxima mais de mim, ao me fazer encontrar a "Mia" quando

³¹ A “Carta da Ana” é um texto de ampla circulação entre sites pró-ana/mia, em que Ana (a anorexia personificada) conclama o leitor a adotar comportamentos anoréxicos.

exagero, ao me fazer ler rótulo de tudo, ao me fazer negar carbo³² a todo custo... ao me fazer me enxergar cada vez mais gorda”

Enquanto delegar o controle à “ana” ou à “mia” parece ser uma opção interessante, nos casos em que a pessoa “sozinha” não consegue ter o domínio necessário sobre o próprio corpo para alcançar o emagrecimento desejado, o risco do descontrole completo está presente.

A idéia de que a “ana” é capaz de fazer a pessoa se enxergar cada vez mais gorda é descrita pelos médicos como “distorção da imagem corporal”, e é considerada importante como sintoma da patologia dos transtornos alimentares. No caso do discurso dos sujeitos pesquisados, a idéia de que a “ana” ou a “mia” possam levar a pessoa a se enxergar mais gorda do que realmente é, faz da opção de adotar o estilo de vida pró-ana/mia um jogo arriscado: se o sujeito perde completamente o controle, corre o risco de emagrecer a ponto de colocar a vida em risco e, o pior, de ultrapassar o limite da magreza desejável, associada à beleza, e de deixar de aproveitar as vantagens do emagrecimento que foram a razão para ser tornar pró-ana/mia inicialmente. O trecho a seguir, retirado de uma mensagem a um grupo de discussão voltado para incentivar a recuperação dos transtornos alimentares, ilustra essa situação:

“Eu li em algum lugar que não me lembro, que a anorexia é como um bote rumo às cataratas... você entra no bote porque quer, mas uma vez dentro dele, não há como voltar porque as correntezas são fortes demais para se chegar à margem do rio... Não é exatamente assim a frase, mas tem o mesmo sentido...”

A perda total do controle, capaz de levar a pessoa ao risco de vida, é frequentemente associada às idéias de dor, sofrimento, perturbação e doença. Mesmo em alguns grupos pró-ana/mia, é possível encontrar a distinção entre “anorexia nervosa” e “bulimia nervosa”, consideradas como doenças e caracterizadas por essa perda de controle, e “ana” e “mia”, que seriam opções conscientes por estilos de vida.

O tema da relativa responsabilidade do sujeito na gênese da patologia dos transtornos alimentares, surge nas acusações e críticas contra os grupos pró-ana/mia. Ao considerar que tais grupos incentivam comportamentos que, eventualmente, podem levar ao desenvolvimento dessa patologia, esses críticos assumem que há um aspecto

³² “Carbo” se refere ao grupo de alimentos chamados de carboidratos, associados à idéia de “açúcar” e classificados como “alimentos que engordam”.

ativo e voluntário dos sujeitos. Esses críticos são aqueles que, mesmo que não sejam profissionais ligados à área de saúde, se apropriam da definição médica dos transtornos alimentares como patologias.

Os pólos extremos dessa discussão excluem a possibilidade de considerar um e outro como críticas pertinentes, já que enquanto a proposição pró-ana/mia radical recusa o postulado da patologia, os saberes médicos definem o argumento pró-ana/mia da opção consciente como mais um sintoma da distorção da realidade provocada pela condição patológica.

Desta forma, essa representação dos transtornos alimentares como doença mental traz em si uma irremediável tensão. Se, sob certas circunstâncias, se reconhece que o doente tem um papel ativo na gênese e manutenção da doença, ao mesmo tempo se concebe a doença como entidade específica, personificável, que destitui o doente do papel de sujeito consciente e responsável. Se a responsabilidade do sujeito sobre sua própria condição é supervalorizada, ele passa de doente a culpado de sua própria condição. Por outro lado, se é sobrevalorizada a condição da pessoa como doente, vítima passiva dessa entidade separada que é a doença, o sujeito perde seu status enquanto tal, completamente incapaz de influir em sua própria condição. Cada fala a respeito dos transtornos enfatiza mais um aspecto ou outro de acordo com o valor estratégico da representação do doente enquanto sujeito em cada situação.

“Beleza interior é uma piada”

Esse slogan é freqüentemente encontrado em sites, grupos de discussão e blogs pró-ana/mia. Ele é uma resposta ao velho ditado popular de que a beleza interior é o que importa – por beleza interior entenda-se virtude moral e inteligência –, e que associa a preocupação com a aparência e a beleza com a idéia de futilidade. A idéia por trás do slogan é que a aparência vai muito além da vaidade e da futilidade, e que é um critério extremamente importante na valorização social e na obtenção da satisfação pessoal. Outra versão desse slogan que também é encontrada com freqüência no contexto etnográfico é a frase “é impossível ser gordo e feliz ao mesmo tempo”.

É curioso perceber que apesar do corpo e as intervenções sobre ele serem o assunto central das discussões sobre os transtornos alimentares na internet, a interação virtual se caracteriza exatamente pela ausência do “corpo presente”. Esse dado assinala

para a importância de não reduzir nossa compreensão do corpo a uma entidade material natural e fixa, caracterizada por necessidades internas imutáveis e anterior ao fluxo da diversidade e da transformação cultural. Devemos antes nos indagar a respeito de que concepção de corpo está em jogo na fala dos sujeitos pesquisados, e de que forma sua relação com esse corpo é concebida e experimentada.

Em “The Body in Consumer Culture”³³, Mike Featherstone relaciona o desenvolvimento da cultura de consumo a uma forma específica de *embodiment* apoiada pela prevalência de uma concepção auto-preservacionista do corpo combinada à noção de que o corpo é um veículo de prazer e auto-expressão. De acordo com essa concepção, ascetismo e hedonismo deixam de ser excludentes: agora, o trabalho corporal ascético é o meio para se obter uma aparência aprimorada e um *self* mais valorizado no mercado, e a subjugação do corpo através das rotinas de manutenção corporal é a pré-condição para a aquisição de uma aparência aceitável e a liberação da capacidade expressiva do corpo. Featherstone identifica duas categorias básicas: o *corpo interior*, que se refere às preocupações com a saúde e o bom funcionamento do corpo e que demanda manutenção e reparo frente a doenças ou ao processo de deterioração que acompanha o envelhecimento; e o *corpo exterior*, que se refere à aparência, bem como ao movimento e ao controle do corpo no espaço social. De acordo com o autor:

“Within consumer culture, the inner and the outer body become conjoined: the prime purpose of the maintenance of the inner body becomes the enhancement of the appearance of the outer body.”³⁴

A relação entre a cultura de consumo e esse tipo de *embodiment*, entretanto, não é tratada por Featherstone como uma determinação mecânica simples, mas como um processo de transformação cultural amplo e progressivo que envolveu múltiplas esferas da vida social. Segundo o autor, se em seu início o capitalismo foi impulsionado pela ética protestante da sobriedade e do trabalho duro e disciplinado, sua consolidação implicou em uma mudança cultural capaz de incorporar o consumo de bens que passaram a ser produzidos massivamente. Se, por um lado, o emprego de técnicas

³³ FEATHERSTONE, Mike. “The Body in Consumer Culture” in Featherstone, Mike, Hepworth, Mike & Turner, Bryan S. (eds.), *The Body: Social Process and Cultural Theory*, London/ Newbury Park/ New Delhi: SAGE, 1991, pp.170-196.

³⁴ “Na cultura de consumo, o corpo interior e o exterior se conjugam: o objetivo primeiro da manutenção do corpo interior passa a ser o aprimoramento da aparência do corpo exterior.” Tradução minha. Idem, p.171.

racionais de administração científica permitiu o aumento da produção, a melhoria dos salários reais, a redução da jornada de trabalho e a ampliação do tempo de lazer dos trabalhadores, a mesma lógica racional passou a operar na distribuição e no consumo de produtos, nos meios de comunicação e nos espaços de lazer.

A publicidade e os meios de comunicação de massa, como o rádio, o cinema e posteriormente a televisão, foram fundamentais para fomentar a transição da ética protestante para um hedonismo calculado, educando a população na adoção de um novo estilo de vida. Embora Featherstone reconheça o interesse explícito destes meios de comunicação, principalmente no caso da publicidade, de educar a população na adoção de hábitos consumistas, ele chama a atenção para o fato de que o estilo de vida que passa a ser associado aos novos padrões de consumo está calcado em imagens e valores que traduzem desejos e anseios reais da população, socialmente enraizados. Imagens de juventude, beleza, lazer, liberdade, luxo e opulência, que antes eram privilégio exclusivo das elites, passam a ser livremente associadas a uma infinidade de produtos destinados ao consumo popular. Assim, a liberdade de consumir é experimentada como um ganho real de liberdade e de privilégios por parte da população, mesmo que de maneira limitada. A importância da aparência como a tradução imagética cuidadosa destes valores e, portanto, do status, passa a ocupar um lugar central nesse novo sistema.

Isso não significa, é claro, que haja um único padrão ideal, ou que as classes mais baixas simplesmente imitem os padrões das elites. Como Alexandre Bergamo³⁵ muito bem apontou, em sua análise sobre as categorias de elegância e atitude no universo da moda, a imagem construída através da composição das roupas e do autocontrole das maneiras faz parte de um sistema fluido, que embora seja pautado por marcas de distinção social, tem um caráter expressivo que é fundamental para compreender sua dinâmica. A moda e a administração da aparência dizem respeito a como os indivíduos pensam sobre si próprios e sobre sua inserção no tecido social, mas são também instrumentos de realização e de atualização das diferentes possibilidades de inserção no jogo social:

“Através da novela, da música, da moda um indivíduo pode se fazer expressivo, pela sua influência, sobre um grande número de pessoas

³⁵ BERGAMO, Alexandre. “Elegância e atitude: diferenças sociais e de gênero no mundo da moda” *in Cadernos Pagu* (22): 2004, Campinas, pp. 83-113.

independente da classe social. Ou seja, os indivíduos são convocados, da vulgar quotidianidade de suas vidas para desempenharem os mais portentosos papéis (...). Cada indivíduo representa, nesse contexto, um exemplo para as demais pessoas. E, assim, os sucessos vulgares do dia alcançam uma significação maior.”³⁶

A frase de efeito de que “beleza interior é uma piada”, tão repetida no universo dos transtornos alimentares, diz respeito à centralidade do cuidado com a aparência e o corpo na inserção das pessoas no jogo social. As imagens das modelos, onipresentes no universo virtual dos transtornos alimentares, representam um padrão ideal, exaustivamente traduzido em medidas como peso, altura, índice de massa corporal, circunferência de cintura, quadris e busto. Mas as imagens de modelos não representam apenas um padrão de beleza, aludem também a um padrão de sociabilidade em que os cuidados com o corpo, a beleza e sua exposição cuidadosa são as regras do jogo. O uso dessas imagens como estímulo ao emagrecimento, bem como as tabelas de metas e progressos contendo o peso e a altura, traduzem o desejo de se aproveitar ao máximo desses recursos.

O corpo ideal das modelos é aquele que traduz a idéia do valor da busca disciplinada por uma imagem ideal, subsumido a uma imagem, a uma vitrine da disciplina e à aceitação dos padrões ideais valorizados socialmente. A própria experiência de “estar-no-mundo” dentro de um corpo passa a ser conformada pela necessidade de experimentar e moldar o corpo de acordo com uma imagem ideal. Assim, não é de todo surpreendente notar que tantas pessoas que se identificam com transtornos alimentares escolham a internet, que se caracteriza pela ausência do corpo presente, para interagirem umas com as outras: o corpo que importa é o aparente, e este marca presença na internet ostensivamente, quer através das fotos de modelos, quer através de medidas de peso, altura, cintura, quadris, busto, índice de massa ou gordura corporal.

Reflexões finais

Embora não tenha sido exaustiva, a exposição acima fornece alguns dos elementos centrais da noção de pessoa que perpassa o universo dos transtornos alimentares no contexto brasileiro e da economia simbólica que o conforma.

³⁶ Idem, p.109.

A hierarquia entre mente e corpo é um elemento central na organização desta economia simbólica, mas não implica em uma cisão entre ambas as esferas. Antes, esta hierarquia se realiza de maneira in-corporada, através de crenças e práticas que envolvem uma dinâmica de mediações. Se o investimento racional do sujeito no auto-controle e no cuidado de si são considerados as virtudes por excelência, são possíveis apenas através de sua realização concreta nos corpos, dotados de uma lógica própria que deve ser conhecida e manipulada para não irromper sob a forma de uma patologia.

Este sistema de valores é perpassado por valores de gênero bem marcados, caracterizados por uma associação da feminilidade com o corpo, a natureza, o prazer e a irracionalidade. Por outro lado, embora a tônica dessa configuração de pessoa esteja na responsabilidade individual sobre o cuidado de si, todo o investimento se volta para um corpo exterior, montado “por e para a autoridade social”³⁷.

Espero que, deste modo, o presente trabalho tenha contribuído para ampliar o conhecimento a respeito dos processos contemporâneos envolvidos nas práticas de cuidado de si e na construção de corporalidades. Resta ainda investigar, contudo, as maneiras através das quais essa economia simbólica é construída e atualizada através do aprendizado e das práticas concretas dos sujeitos. Os dados etnográficos sugerem que as disciplinas de saúde podem ter um papel importante não apenas na formulação de alguns postulados desta economia, mas no próprio processo de aprendizado e constituição de práticas concretas que a instituem, indicando um caminho possível para futuras investigações.

³⁷ Ibidem, p.231.

Referências bibliográficas:

- BECKER, Anne E. *et alli*. "Eating behaviours and attitudes following prolonged exposure to television among ethnic Fijian adolescent girls", in *The British Journal of Psychiatry* (2002), n. 180, pp. 509-514.
- BERGAMO, Alexandre. "Elegância e atitude: diferenças sociais e de gênero no mundo da moda" in *Cadernos Pagu* (22): 2004, Campinas, pp. 83-113.
- BORDO, Susan. Unbearable Weight: feminism, western culture and the body, Berkeley/ Los Angeles/ London: University of California Press, 1995.
- _____. "Reading the Slender Body" in Jacobus, Mary; Keller, Evelyn Fox & Shuttleworth, Sally (eds.), Body/Politics: Women and the Discourse of Science, New York & London: Routledge, 1990, pp.83-112.
- _____. "The Body and the Reproduction of Femininity: A feminist Appropriation of Foucault" in Jaggar, Alison M. & Bordo, Susan R., Gender/ Body/ Knowledge: Feminist Reconstructions of Being and Knowing, New Brunswick/ New Jersey: Rutgers University Press, 1992, pp.13-33.
- CÂNDIDO, Antônio. Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, São Paulo; Duas Cidades; Ed. 34, 2001, 9ª. edição.
- CASKEY, Noelle. "Interpreting Anorexia Nervosa" in The Female Body in Western Culture: contemporary perspectives, edited by SULEIMAN, Susan Rubin, Cambridge/London: Harvard University Press, 1985.
- CHERNIN, Kim. The Obsession: Reflections on the Tyranny of Slenderness, New York: HarperPerennial, 1994.
- _____. The Hungry Self: Women, Eating and Identity, New York: HarperPerennial, 1994.
- CORDÁS, Táki Athanassius *et alli*. Anorexia e Bulimia: O que são? Como ajudar?, Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- CORDÁS, Táki Athanassius e WEINBERG, Cybelle. "Clorose: a efêmera doença das virgens", *Revista de Psiquiatria Clínica*, v.29, n.4, 2002, p. 204-206.
- CSORDAS, Thomas J. "Introduction: the body as representation and being in the world" in Embodiment and Experience: The existential ground of culture and self, New York: Cambridge University Press, 1994, pp. 1-24.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. "A Outra Saúde: Mental, Psicossocial, Físico Moral?" in ALVES, Paulo César e MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). Saúde e Doença: um olhar antropológico, Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998, pp. 83-90.
- _____. Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas, 2ª. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.
- FEATHERSTONE, Mike e TURNER, Bryan S., "Body and Society: An Introduction" in *Body and Society*, London/ Thousand Oaks/ New Delhi: SAGE Publications, v. 1, n. 1, March 1995, pp.1-12.

- FEATHERSTONE, Mike. "The Body in Consumer Culture" in Featherstone, Mike, Hepworth, Mike & Turner, Bryan S. (eds.), The Body: Social Process and Cultural Theory, London/ Newbury Park/ New Delhi: SAGE, 1991, pp.170-196.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão, Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. Doença Mental e Psicologia; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 4ª. edição, 1994.
- HESSE-BIBER, Sharlene. Am I Thin Enough Yet? The cult of Thinness and the Commercialization of Identity, New York/ Oxford: Oxford University Press, 1997.
- LUBLINSKI, Débora. "Tem perigo na rede: delete já os sites que defendem a anorexia", *Boa Forma*, São Paulo: Editora Abril, março de 2003, pp.86.
- MARTIN, Emily: "The end of the body?", in *American Ethnologist – The Journal of American Ethnological Society*, vol. 19, n.º. 1, February, 1992. pp.121-140.
- MAUSS, Marcel. "As Técnicas Corporais" in Sociologia e Antropologia, São Paulo: EPU/ EDUSP, 1974, V. II
- ORBACH, Susie. Hunger Strike: The Anorectic's Struggle as a Metaphor for Our Age, New York/ London: W. W. Norton & Company, 1986.
- _____. Fat is a Feminist Issue, New Yorke: Berkeley Books, 1979.
- PINZON, Vanessa e NOGUEIRA, Fabiana Chamelet. "Epidemiologia, curso e evolução dos transtornos alimentares", *Revista de Psiquiatria Clínica*, v.31, n.4, 2004, p. 158-160.
- RIBEIRO, Marili e ZORZETO, Ricardo. "O Averso de Narciso", *Pesquisa Fapesp*, n.103, Setembro de 2004.
- SAHLINS, Marshall. "Two or Three things I know about culture", in *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 5, n. 3, September 1999, pp. 399-421.
- _____. "A preferência de comida e o tabu nos animais domésticos americanos" in Cultura e Razão Prática, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 170-178.
- SCHIEBINGER, Londa. "Skeletons in the Closet: The First Illustrations of the Female Esqueleton in Eighteenth-Century Anatomy" in Gallagher, Catherine & Laqueur, Thomas (eds.), The Making of The Modern Body: Sexuality and Society in the Nineteenth Century, Berkeley/ Los Angeles/ London: University of California Press, 1987, pp. 42-81.
- SEEGER *et alli*. "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras", in Oliveira Filho, J. P. (org), Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil, Rio de Janeiro:UFRJ/ Editora Marco Zero, 1986.
- SILVA, Daniela Ferreira Araújo. Do outro lado do espelho: anorexia e bulimia para além da imagem – uma etnografia virtual. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Heloísa Pontes. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2004.
- THOMPSON, Becky. W. A Hunger So Wide and So Deep: American Women Speak Out on Eating Problems, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
- TURNER, Bryan S. "Preface" in Falk, Pasi: The Consuming Body, London/ Thousand Oaks/ New Delhi: SAGE Publications, 1994, pp. vii – xvii.

WACQUANT, Löic. “Review article: Why Men Desire Muscles” in *Body & Society*, London/ Thousand Oaks/ New Delhi: SAGE, pp. 163-179, v.1, n.1, 1995.

CID-10 – Critérios diagnósticos para pesquisa/ Organização Mundial de Saúde, tradução de Maria Lúcia Domingues, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.